

## **DIMENSÕES PARA ACOMPANHAMENTO DA QUALIDADE DA INTERNACIONALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**

Filipe José DIAS (PPGAU/UFSC)  
Luciane STALLIVIERI (PPGAU/UFSC)

**RESUMO:** A internacionalização da educação superior é um processo presente na universidade desde sua gênese, que se intensificou a partir dos anos 1990, fortemente influenciado pela globalização, pela maior facilidade de acesso aos transportes e recursos de comunicação e tecnologia. A internacionalização interfere diretamente nos padrões e modelos implementados pela universidade contemporânea, ampliando paradigmas e contribuindo de forma relevante para que ela alcance suas finalidades com melhor qualidade, especialmente a formação profissional e fortalecimento da cidadania global, o desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto, para que a internacionalização da universidade seja potencializada, alcançando todos os setores e atores, é preciso que: a) a universidade queira ser internacionalizada; b) estabeleça um planejamento para a internacionalização; c) tenha instrumentos de acompanhamento e avaliação dos resultados da internacionalização. Os instrumentos de acompanhamento e avaliação são relevantes, na medida que contribuem para a aferição do impacto da internacionalização na qualidade do ensino superior, e são fundamentais para que a universidade possa planejar e realizar ações não somente com base em modelos teóricos referenciais e informações parciais, mas sempre considerando a realidade e o contexto institucional. Após o estudo dos principais rankings universitários nacionais e internacionais que avaliam o grau de internacionalização das instituições e concluída a revisão da literatura sobre esse tema, apresenta-se nesse artigo, as principais dimensões que merecem atenção no planejamento e acompanhamento da internacionalização das instituições. São descritas sete macrodimensões da internacionalização: as dimensões docente, discente, recursos humanos, currículo, mobilidade acadêmica, estrutura física e estrutura administrativa. A partir dessas macrodimensões torna-se fundamental aprofundar o conhecimento a respeito de cada uma delas e encaminhar a proposição de parâmetros claros e concisos que possam contribuir para o acompanhamento, avaliação e melhoria da qualidade do processo da internacionalização da educação superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Internacionalização da educação superior. Indicadores de internacionalização. Dimensões de internacionalização.

## **DIMENSIONS FOR MONITORING THE QUALITY OF INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS**

Filipe José DIAS (PPGAU / UFSC)  
Luciane STALLIVIERI (PPGAU / UFSC)

**ABSTRACT:** The internationalization of higher education is a process that has been present in the university since its origin. It has been intensified especially around the 1990s, strongly influenced by globalization, greater access to transportation and communication and the availability of new technology resources. Internationalization directly interferes with the standards and models implemented by the contemporary university, expanding paradigms and relevantly contributing to the development so that it reaches its goals with better quality, especially highlighting professional training, strengthening global citizenship, reinforcing scientific and technological development. However, in order to emphasize the internationalization of the university, promoting the engagement of all sectors and actors, it is necessary that: a) the university has the intention to internationalize; b) establishes a plan for internationalization; c) creates instruments to monitor and evaluate the results of internationalization. The monitoring and evaluating instruments are relevant insofar as they contribute to the assessment of the impact of internationalization on the quality of higher education and are fundamental for the university to plan and carry out actions not only by adopting theoretical reference models and using partial information but always considering the reality and the institutional context. After researching leading national and international university rankings which assess the degree of institutional internationalization and after developing the review of the literature on this subject, this paper presents the main dimensions that deserve attention in the planning and monitoring of institutional internationalization. It describes seven macro dimensions of internationalization: the dimension of teaching, students, human resources, curriculum, academic mobility, physical structure, and administrative structure. From these macro dimensions, it is fundamental to deepen the knowledge about each one and propose clear and concise parameters that can contribute to the monitoring, evaluation, and improvement of the quality of the process of the internationalization of higher education.

**KEYWORDS:** Internationalization of higher education. Internationalization indicators. Internationalization dimensions.

A busca por conhecimentos científicos além das fronteiras territoriais das nações, apesar da evidência recente, ocorre desde antes de Cristo, em que os jovens vindos de diferentes regiões, buscavam os sábios para aprofundar seus estudos em áreas como filosofia, letras, literatura e artes (STALLIVIERI, 2017).

Nesse contexto, a universidade é uma instituição que desde sua gênese, no século XII, apresenta dentre suas características a busca e a troca de experiências e de conhecimentos científicos para além das divisas de seus países.

Segundo Nogueira (2004), a circulação de elites intelectuais por cidades como Bolonha, Paris, Oxford, Coimbra e Salamanca contribuiu para a consolidação das primeiras instituições educacionais europeias de nível superior ainda na Idade Média. Num movimento conhecido como *peregrinatio academica*, docentes e discentes transitavam entres os polos de cultura e ciência daquele período, tendo o latim como a língua oficial do conhecimento.

Já no século XX, fortemente influenciado pelo contexto da globalização, onde o conhecimento e as interações extrapolam as fronteiras das nações, facilitados pelas novas tecnologias e maior acesso aos meios de comunicação e transporte, as Instituições de Ensino Superior (IES), seguem buscando o aprimoramento da formação educacional e o fortalecimento da instituição para o desenvolvimento científico-tecnológico.

A globalização pode ser definida pela crescente integração e uniformização de padrões mundiais econômicos e culturais, pelas novas tecnologias de informação e comunicação, pelo surgimento de uma rede de conhecimento internacional e por outras forças que estão fora do controle das instituições acadêmicas e que envolvem diversos temas de ordem política, econômica e social (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009).

O fenômeno mundial da globalização, que se desenvolveu cada vez mais a partir do final dos anos 1990 e início do século XXI, incentivado pelos avanços tecnológicos e pela maior facilidade na locomoção e comunicação, interfere diretamente nas relações comerciais, pessoais e inclusive educacionais, impondo novos desafios a governos e empresas, de forma a alterar os parâmetros de seu funcionamento e as necessidades profissionais (EDUCATION AT A GLANCE, 2012).

Nesse contexto, a internacionalização na educação superior pode ser considerada como a variedade de políticas e programas que universidades e governos implementam para responder às demandas da globalização (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009; LAGO, 2015).

O termo internacionalização relacionado à educação superior passou a ser utilizado a partir da década de 1980 para tratar, de modo mais abrangente, dos estudos internacionais, do intercâmbio acadêmico e da assistência técnica (KNIGHT, 2012).

A concepção de internacionalização ainda é bastante discutida entre os estudiosos da área, dada a complexidade e abrangência que tema envolve.

Segundo o ensinamento apresentado por Hans De Wit (2015), a internacionalização pode ser entendida como o processo intencional de integração nas dimensões internacional, intercultural ou global, dos propósitos, funções ou entrega da educação, a fim de melhorar a qualidade da educação e pesquisa para todos os alunos e funcionários, e para fazer uma contribuição significativa para a sociedade.

Deve ser considerada como um processo, porque é um esforço coletivo e contínuo em desenvolvimento, devendo adaptar-se e refletir as prioridades e particularidades de um país, de uma instituição ou de um grupo específico de partes interessadas. (VEIGA, 2011).

A manifestação da internacionalização da universidade ocorre de modo transversal, sendo observada em todos os ambientes das instituições, contemplando as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão da universidade (STALLIVIERI, 2017).

Nota-se que a expansão da internacionalização nas atividades da educação superior é evidenciada em quantidade, qualidade, volume, âmbito, direcionamento e objetivos, claramente identificada pelo aumento significativo na participação em congressos, seminários, eventos, programas de intercâmbio e publicações em revistas científicas e periódicos internacionais (STALLIVIERI, 2017).

De acordo com Hudzik (2011), a nova configuração global das economias, sistemas de comércio, pesquisa e comunicação, bem como o impacto de forças globais sobre a vida local, expandem a necessidade de internacionalização abrangente e as motivações e propósitos que a conduzem.

Internacionalização abrangente é um compromisso, confirmado através de ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas ao longo das missões do ensino superior de ensino, pesquisa e extensão, que deve ser abraçado por todos os atores das IES, interferindo, não somente a vida no campus, mas os quadros externos da instituição, suas parcerias e relações e que pode impactar em mudanças significativas nas características e nos valores institucionais (HUDZIK, 2011).

São apontados por Qiang (2003) dois argumentos amplamente reconhecidos que servem como forças dirigentes para a internacionalização. O primeiro é o de que a globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho aliada aos requisitos para formação profissional e acadêmica dos estudantes desafiam a universidade a buscar formas de melhor preparar o seu corpo discente para atuar no mercado de trabalho. O segundo argumento é o de que a atração de estudantes estrangeiros e o uso das tecnologias da comunicação e da informação para a oferta da educação têm diminuído as fronteiras do mundo e aumentado as possibilidades de atuação das IES. Esses fatores demonstram que a internacionalização se tornou parte inexorável – ou sempre foi, mas está tendo o seu renascimento – da educação superior, não podendo mais ser vista como um mero adendo às suas atividades, mas considerando o seu potencial estratégico para o alcance dos objetivos e missões institucionais.

Avaliando o contexto da internacionalização, Howlett (2013) declara que a internacionalização cria oportunidades para que se aprenda com as experiências políticas. E que essas experiências podem ser reinterpretadas e adaptadas para se ajustarem a política pública nacional. Contudo ressalta que os atores mais poderosos exercem influência, para que as outras nações se conformem às suas preferências políticas. Portanto a universidade deve estar atenta a esses movimentos e conhecer suas potencialidades e fragilidades, para que, valendo-se da autonomia universitária, possa manter suas características locais e estabelecer estratégias de desenvolvimento de seus objetivos.

De acordo com Chaves e Castro (2016), a internacionalização da educação superior contribui também para a justiça e equidade social entre os países, considerando que as instituições tem a responsabilidade social de ajudar no desenvolvimento da sociedade na busca por soluções comuns.

Em sentido amplo, a internacionalização da universidade pode contribuir para reflexão das próprias práticas e/ou conhecimento de diferentes dimensões culturais para combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas.

Pode-se observar que a internacionalização é incentivada como política no âmbito global e considerada como critério de avaliação da educação superior por organismos internacionais que debatem os rumos da educação superior, como vemos em UNESCO (1998).

O fenômeno da internacionalização, neste contexto, tem sido fomentado como um meio estratégico para que os sistemas nacionais de educação superior possam alcançar padrões de excelência mundial e se consolidarem como núcleos de inovação e de tecnologia, constituindo vantagem competitiva para os países que neste campo investirem. (SOUZA, 2018).

No entanto, Lima e Maranhão (2009) apontam a existência de um cenário de profundas desigualdades entre os países do Norte e do Sul no que diz respeito ao envio e recebimento de estudantes em mobilidade acadêmica e, mais ainda, na inserção da dimensão internacional à missão e funções do setor educacional. Altbach e Knight (2007) explicam que essa diferença ocorre em função da falta de capacidade por parte dos países em desenvolvimento de responder às crescentes demandas globais.

Diante da falta de política pública para o desenvolvimento da internacionalização, Lima e Maranhão (2009) empregam os conceitos de internacionalização ativa e internacionalização passiva. As autoras assinalam que a forma ativa é exercida por um número reduzido de países, que apresentam sistemas de educação superior consolidados historicamente e uma forte capacidade para a implantação de políticas de Estado voltadas à atração e acolhimento de acadêmicos, dentre outras formas de realização da internacionalização. Já os países em desenvolvimento, que constituiriam as nações passivas, ocupariam uma situação de subalternidade, cabendo a eles o envio de parte de seus acadêmicos às universidades mundialmente notabilizadas, na expectativa da capacitação de seus quadros internos. Porém os resultados obtidos com a internacionalização passiva são limitados e submetidos a programas externos.

Stein *et al.* (2016) apontam a necessidade de analisar a internacionalização do ensino superior de forma crítica, considerando as intenções e resultados desse processo, a fim de evitar o risco de que a internacionalização reproduza padrões nocivos de engajamento educacional.

Nesse sentido Knight (2012) enfatiza que um processo genuíno de internacionalização deve respeitar os contextos locais e contribuir para o aprimoramento de suas realidades. A autora também ensina que um processo de internacionalização autêntico deve diferenciar-se da globalização, pois embora estejam associados, o primeiro fundamenta-se nas relações sociais, culturais e institucionais, enquanto o segundo pauta-se principalmente pelas ideias de competitividade e desenvolvimento econômico.

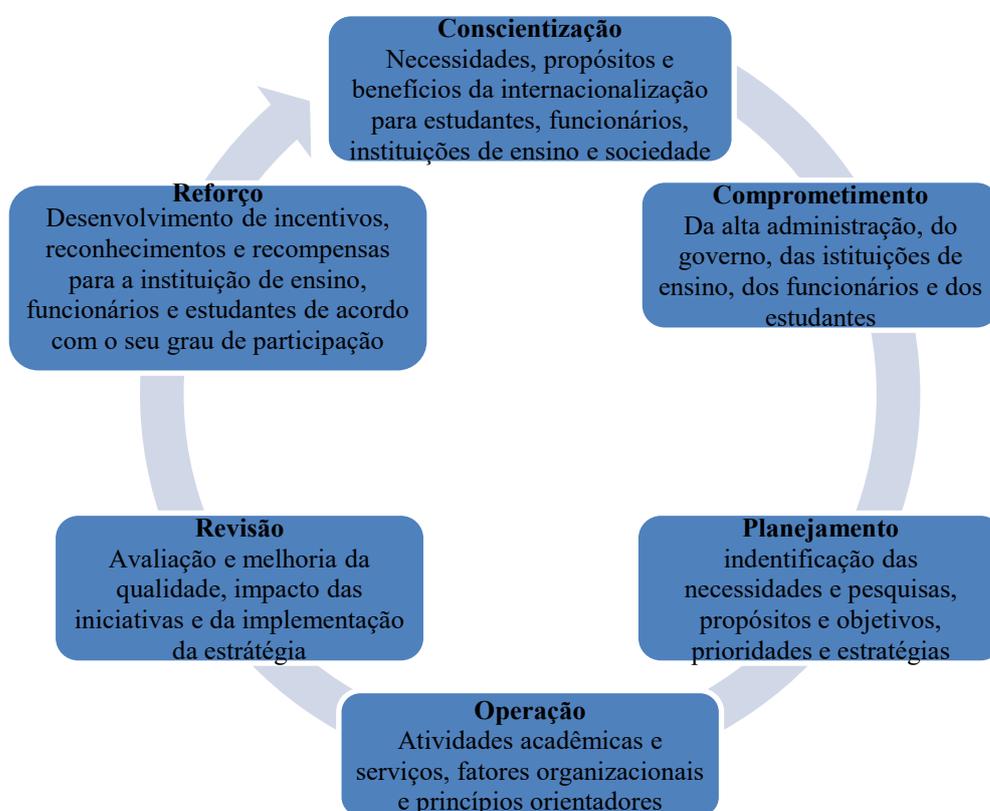
Assim, em função do contexto mundial em que está inserida, a universidade se relaciona com atores internacionais, no entanto, para que a universidade seja internacionalizada e os efeitos da internacionalização sejam potencializados, considerando as características locais e necessidades da instituição, é necessário que: a) a universidade queira ser internacionalizada; b) estabeleça um planejamento para a internacionalização; c) tenha instrumentos de acompanhamento e avaliação dos resultados da internacionalização.

Para melhor explicar as necessidades elencadas, apresentamos o ciclo de internacionalização proposto por Knight (2007), que demonstra as fases da internacionalização na instituição.

O ciclo de internacionalização da educação superior proposto por Jane Knight

(2007) apresenta seis fases que passam pela conscientização da comunidade acadêmica, esclarecendo a toda a comunidade acadêmica as necessidades, propósitos e benefícios do processo; comprometimento dos gestores governamentais, da instituição e de toda a comunidade acadêmica no desenvolvimento do processo de internacionalização; planejamento, identificando necessidades, propósitos e objetivos, prioridades e estratégias; operacionalização das atividades acadêmicas e demais serviços da instituição, levando sempre em conta os fatores organizacionais e os princípios orientadores; revisão do processo, com avaliação e melhoria da qualidade, verificando o impacto das iniciativas e da implementação da estratégia; e reforço, desenvolvendo incentivos, reconhecimento e recompensas para os atores participantes de acordo com o seu grau de participação.

Figura 1 - Ciclo de Internacionalização



Fonte: Knight e De Wit (2007).

A primeira necessidade que consideramos relevante para a internacionalização da instituição é a sensibilização e conscientização da comunidade universitária. Gestores, docentes, estudantes, funcionários e comunidade em geral precisam ter claros quais os objetivos e os efeitos e mudanças que a internacionalização pode gerar na universidade.

A universidade precisa ter com clareza o que é internacionalização e querer ser internacionalizada, traçando objetivos a serem alcançados, assim como o conhecimento dos riscos e benefícios advindos do processo, considerando sempre as realidades nos âmbitos institucional, local, regional e nacional, apresentando respostas às novas

demandas que lhe são apresentadas.

Outro fator fundamental, para que a universidade tenha atuação ativa no processo de internacionalização é o planejamento institucional, detectando necessidade e definindo objetivos, propósitos, prioridades e estratégias no processo de internacionalização. Assim é possível verificar quais serão as ações que serão realizadas e priorizadas pelos gestores acadêmicos, para que a comunidade acadêmica possa atuar harmoniosamente em direção de objetivos comuns.

A partir do planejamento claro, e objetivos definidos será possível estabelecer instrumentos de acompanhamento e avaliação próprios, visando verificar a efetividade e os resultados das ações desenvolvidas.

A esse respeito a pesquisa de Oliveira (2018) aponta que a falta de concordância entre o posicionamento dos gestores e aqueles constantes nos documentos institucionais dificultam a tarefa de mapear como e onde os acordos de cooperação internacional poderão ser mais efetivos e de que forma estes poderão render mais frutos à comunidade acadêmica como um todo. Além disso, a baixa proficiência em línguas estrangeiras por parte da comunidade acadêmica, em especial as de países anglófonos, por níveis de proficiência mais avançados, além da não oferta de disciplinas regulares em inglês, dificultam a recepção de estudantes internacionais que não falam português.

Assim, para que se possa realizar acompanhamento e avaliação da internacionalização da educação superior e para que sejam traçadas estratégias, políticas e programas de internacionalização nos âmbitos nacional, setorial e institucional torna-se imperioso traçar um perfil da situação da internacionalização.

É dessa forma que, com clareza em seus objetivos e razões para internacionalizar, as universidades poderão traçar seus conceitos e abordagens para internacionalização que deverão se traduzir em políticas e planos estratégicos formais de maneira a envolver as mais diversas instâncias institucionais em torno desse objetivo comum. Esse é o desafio que as universidades contemporâneas deverão enfrentar no sentido de buscar combater as assimetrias criadas pelos processos globalizantes, reconhecendo tais complexidades e buscando sua inserção de maneira plena no processo de internacionalização. (OLIVEIRA, 2018).

Muito usados para acompanhar e aferir a qualidade da educação superior, os indicadores são elementos importantes que compõem um instrumento que pode ser utilizado para avaliação da qualidade da educação superior.

Os instrumentos de acompanhamento e avaliação são relevantes, na medida em que contribuem para a aferição do impacto da internacionalização na qualidade do ensino superior, e são fundamentais para que a universidade possa planejar e realizar ações não somente com base em modelos teóricos referenciais e informações parciais, mas sempre considerando a realidade e o contexto institucional.

O conhecimento dos indicadores de internacionalização, por meio de um instrumento claro, é importante porque denota quais os rumos que a internacionalização tem seguido e verifica se corrobora com as recentes pesquisas realizadas na área de estudo.

Na prática, o acompanhamento dos indicadores de internacionalização das IES é importante e pode auxiliar os gestores da instituição no acompanhamento, na avaliação, na tomada de decisão e na definição de políticas e estratégias institucionais para o alcance de seus objetivos, quais sejam, a excelência do ensino, da pesquisa e da extensão.

Por meio dos resultados da internacionalização, as instituições podem perceber

mais recursos e as universidades que não instrumentalizam suas ações para atender a esse novo modelo estão sujeitas a pagar o preço da exclusão, isolando-se no que se refere a formação cultural, científica e profissional.

A internacionalização está cada vez mais presente nos rankings acadêmicos nacionais e internacionais como indicador de avaliação das IES e dos cursos de graduação e pós-graduação.

No entanto, os indicadores de avaliação da internacionalização presentes nesses instrumentos ainda carecem de uma especificação mais clara e precisa, de forma a incorporar o crescente avanço da internacionalização das IES.

Conforme a pesquisa apresentada por Leal, Stallivieri e Moraes (2018), cinco dos seis rankings acadêmicos considerados no recorte da pesquisa utilizam como critérios de análise aspectos relacionados à internacionalização, ainda que alguns o façam de maneira indireta (ARWU) e outros o façam diretamente (Q&S; THE; RUF; GE). O ranking nacional GE, apesar de considerar a internacionalização como um critério, não especifica, nas bases consultadas, quais indicadores são utilizados e tampouco o peso atribuído a essa dimensão.

No quadro podemos verificar quais os elementos relacionados à internacionalização considerados nos rankings estudados.

Quadro 1 - Indicadores de avaliação dos rankings acadêmicos relacionados à internacionalização

Ranking	Q&S	THE	RUF
Indicadores de internacionalização e respectivo peso (%)	- Proporção de estudantes internacionais (5%);  - Proporção de docentes internacionais (5%)	- Proporção de estudantes estrangeiros por estudantes domésticos (2,5%); - Proporção de estudantes estrangeiros por funcionários domésticos (2,5%); - Colaboração internacional (2,5%)	- Número de citações de trabalhos da instituição por grupos internacionais (2%); - Proporção de publicações da universidade em coautoria internacional (2%).
Percentual destinado à internacionalização	10%	7,5%	4%

Fonte: Leal; Stallivieri; Moraes, 2018.

Percebe-se que, apesar da importância da internacionalização no contexto universitário, ela ainda é pouco considerada nos critérios de avaliação dos rankings nacionais e internacionais.

Além disso, cabe a ressalva de que nos rankings internacionais, a forma como a internacionalização tem sido medida apresenta limitações significativas, resultantes do reducionismo e da simplificação de algo complexo, dinâmico e multifacetado. (LEAL; STALLIVIERI; MORAES, 2018).

Assim, após o estudo dos indicadores de internacionalização considerados nos principais rankings universitários nacionais e internacionais e realizada a revisão da literatura sobre os indicadores de internacionalização, apresenta-se nesse artigo, as principais dimensões que merecem atenção no planejamento e acompanhamento da internacionalização das instituições.

São descritas sete macrodimensões da internacionalização: discente, docente, recursos humanos, currículo, mobilidade acadêmica, estrutura física e estrutura

administrativa.

São chamadas macrodimensões porque em cada grupo ou macrodimensão são encontrados menores grupos ou dimensões afins que precisam ser discutidas para a promoção e potencialização da internacionalização da universidade.

Figura 2 - Macrodimensões da internacionalização da universidade



Fonte: Elaborado pelo autor.

Importante que a internacionalização que ocorre atualmente nas universidades, apesar de sua relevância, sofre forte influência da globalização, que pode também trazer consigo efeitos nocivos, por isso é importante que a universidade seja planejada e tenha o controle dos objetivos a serem alcançados com a internacionalização.

Cabe ainda destacar que as macrodimensões apresentadas se relacionam entre si e que a divisão em grupos serve apenas para facilitar os estudos na área e o planejamento a ser elaborado pela instituição.

Essas macrodimensões demonstram que a mobilidade acadêmica ou intercâmbio não é a única forma de atuação de internacionalização da universidade. As macrodimensões buscam contemplar as diferentes áreas da instituição que afetam ou são afetadas pela internacionalização, entendido por Hudzik (2011) como internacionalização abrangente ou internacionalização transversal. Exemplificamos abaixo alguns exemplos de ações que podem ser verificados em cada macrodimensão apresentada.

A macrodimensão discente refere-se principalmente à preparação dos alunos frente às necessidades internacionais na formação profissional e cidadã, estimulando o desenvolvimento de habilidades e competências, estimulando o conhecimento de outras línguas e culturas, participação em pesquisas e eventos internacionais, ampliando as possibilidades de atuação e sucesso profissional e ações culturais de respeito ao próximo.

Com relação a macrodimensão docente merece destaque a relação individual entre os docentes e pesquisadores externos à instituição principalmente na realização das

pesquisas. Nota-se que essas relações que iniciam individualmente tem proporcionado confiança pessoal no relacionamento entre os pesquisadores e abrem possibilidades de acordos institucionais para o desenvolvimento de projetos institucionais de maior porte. No entanto, mesmo tratando-se de iniciativas individuais é importante que a instituição tenha conhecimento de todas as ações, para que possa mapear as atividades que estão sendo realizadas.

A macrodimensão Recursos Humanos trata da capacitação dos profissionais que atuam na instituição a lidarem com diferenças culturais e linguísticas, capacitando os servidores no atendimento a todos os públicos. Assim como promover a capacitação dos servidores no âmbito internacional para que possam colaborar com a instituição na melhoria de processos institucionais, por meio da relação com outras universidades. Ou colaborando em pesquisas e projetos realizados na instituição. Percebe-se mais uma vez presente a transversalidade da internacionalização, uma vez que todos os servidores, independente da área ou setor em que atua poderá ser papel ativo da internacionalização da universidade.

A esse respeito, Gacel-Ávila (2003) afirma que cabe às autoridades educativas exercer a condução e a liderança do processo de mudança ou adaptação institucional de toda uma equipe de colaboradores que deverão estar informados, convencidos e articulados para a promoção da internacionalização. Entende-se, pois, que a política que conduz essas ações deve ser entendida por toda a instituição e fazer parte da cultura organizacional da universidade.

Em relação ao Currículo de cursos de graduação e pós-graduação, a internacionalização está presente na oferta de disciplinas em línguas estrangeiras, introdução interdisciplinar de conteúdos de abordagem e reflexão intercultural, exigência de proficiência em línguas estrangeiras, além de outras atividades curriculares obrigatórias ou eletivas que oportunizem ao aluno o contato com situações que permitam a ampliação de conhecimento sobre diferentes culturas.

No que se refere à macrodimensão mobilidade acadêmica que deve ser incentivada institucionalmente e para isso requer que a instituição apresente o tema e contribua na preparação dos alunos para a realização da mobilidade, assim como esteja à disposição para o apoio durante sua realização. Também devem ser compartilhados institucionalmente os resultados e todo o impacto que a bagagem da experiência agrega aos alunos em decorrência da realização da mobilidade.

Preparar os estudantes significa realizar algumas tarefas fundamentais para o fomento da internacionalização entre os estudantes. Despertar no acadêmico a importância da mobilidade na formação acadêmica e profissional; apresentar além dos destinos tradicionais, opções menos requisitadas, porém cujos resultados podem superar expectativas, desconstruindo assim mitos de destinos tradicionais e/ou preconceitos de destinos quase desconhecidos; proporcionar a capacitação dos estudantes na formação de línguas estrangeiras; ampliar a capacidade de atendimento das demandas discentes minimizando entraves e mediando conflitos internos e /ou externos que dificultam a realização dos intercâmbios.

Durante a realização do intercambio, a instituição precisa estar atenta às necessidades para colaborar com o aluno concedendo amparo e acompanhamento necessário para o sucesso da empreitada.

Já no retorno a instituição precisa ter meios para que consiga captar do aluno os resultados e as experiências obtidas, transformando o conhecimento agregado em resultados e a disseminação das experiências entre seus pares, fortalecendo o ciclo da

mobilidade, fortalecendo redes de relacionamento institucionais e de pesquisas científicas.

Outros fatores na dimensão mobilidade acadêmica que podem ser aproveitados além da mobilidade acadêmica é a recepção de estudantes estrangeiros. A convivência desses estudantes na comunidade acadêmica local impacta e agrega experiências de contato com outras línguas, culturas e pensamentos diversos que contribuem para o enriquecimento das discussões dos conhecimentos e possibilita a troca de conhecimentos científicos e experiências culturais, importantes para a formação profissional e cidadã.

Contudo, para potencializar os resultados dessas ações a instituição precisa de estratégias que ampliem a possibilidade de relacionamento desses alunos no meio acadêmico e potencializem os resultados que essa recepção pode agregar para os alunos e para a instituição.

A macrodimensão estrutura física busca tratar da capacidade estrutural da instituição de relacionar-se com o tema da internacionalização, viabilizando ou apoiando iniciativas de recepção de professores e alunos estrangeiros no campus, ou prever estruturas e recursos tecnológicos atualizados capazes de facilitar a comunicação entre as pessoas.

Por fim a macrodimensão estrutura administrativa, pode tratar tanto da fase de planejamento, acompanhamento e avaliação institucional do processo de internacionalização da instituição, assim com do desenvolvimento administrativo das ações decorrentes ou diretamente envolvidos no processo.

A partir dessas macrodimensões torna-se fundamental aprofundar o conhecimento a respeito de cada uma delas e encaminhar a proposição de parâmetros claros e concisos que possam contribuir para o acompanhamento, avaliação e melhoria da qualidade do processo da internacionalização da educação superior.

Considerando que a internacionalização é um processo ainda em desenvolvimento e implementação nas universidades, apesar estudos já realizados na área, pode-se dizer que não há um modelo pronto que possa ser replicado, a literatura aponta linhas gerais, no entanto devem sempre ser levadas em conta as características institucionais e pode-se dizer que as melhores alternativas para o sucesso no processo são a criatividade e a inovação, bem como atualização constante dos mecanismos que possibilitem o seu acompanhamento.

## **Referências bibliográficas**

A Glance, O. E. A. (2012). OECD indicators.

Altbach, P. G., Reisberg, L., & Rumbley, L. E. (2009). Trends in global higher education: Tracking an academic revolution.

Altbach, P. G., & Knight, J. (2007). The internationalization of higher education: Motivations and realities. *Journal of studies in international education*, 11(3-4), 290-305.

Chaves, V. L. J., & Castro, A. M. D. A. (2016). Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2(1), 118-137.

De WIT, H. (2015). *Quality Assurance and Internationalization. Trends, challenges and opportunities*. INQAAHE conference, Chicago, U.S.

Deardorff, D. K., de Wit, H., Heyl, J. D., & Adams, T. (Eds.). (2012). *The SAGE handbook of international higher education*. Sage.

Gacel-Ávila, J. (2003). La Internacionalización de la Educación Superior: Paradigma para la Ciudadanía Global.(ed.) Universidad de Guadalajara. *México. Pág, 32*.

Howlett, M., RAMESH, M., & Perl, A. (2013). Política pública: seus ciclos e subsistemas—uma abordagem integral. *São Paulo: Campus*.

Hudzik, J. K. (2011). Comprehensive internationalization: From concept to action.

KNIGHT, J. (2012). Cinco verdades a respeito da internacionalização. *Revista de Ensino Superior, Unicamp*.

Knight, J., & De Wit, H. (2007). Strategies for internationalisation of higher education: Historical and conceptual perspectives. *Strategies for internationalisation of higher education: A comparative study of Australia, Canada, Europe and the United States of America*, 5, 32.

Lago, S. (2015). *O processo de internacionalização de uma instituição de ensino superior: o caso da Pontifícia Universidade Católica do Paraná*. Mestrado. Universidade Estadual de Maringá.

Leal, F. G., Stallivieri, L., & Moraes, M. C. B. (2018). Indicadores de internacionalização: o que os Rankings Acadêmicos medem?. *Revista Internacional de Educação Superior*, 4(1), 52-73.

Lima, M. C., & Maranhão, C. S. (2009). O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, 14(3).

Nogueira, M. A., ROMANELLI, G., & ZAGO, N. (2004). Viagens de estudo ao exterior: as experiências de filhos de empresários. *ALMEIDA, Ana Maria et al*, 47-63.

Oliveira, P. S. D. (2018). Internacionalização da educação superior: um estudo de caso em instituições públicas de ensino superior do estado da Bahia.

Qiang, Z. (2003). Internationalization of higher education: Towards a conceptual framework. *Policy futures in education*, 1(2), 248-270.

STALLIVIERI, L. (2017). Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas. *Curitiba: Appris*.

Souza, J. de F. (2018). Itinerários da internacionalização da educação superior brasileira no âmbito da América Latina e Caribe.

Stein, S., Andreotti, V., Bruce, J., & Suša, R. (2016). Towards different conversations about the internationalization of higher education. *Comparative and International Education/Éducation Comparée et Internationale*, 45(1), 2.

SUPERIOR, D. M. S. E. (1998). Declaração mundial sobre Educação Superior no século XXI, visão e ação. *Marco Referencial de ação Prioritária para a mudança e o desenvolvimento da educação superior*. Trad. Amós Nascimento. Piracicaba, ed. UNIMEP.

Veiga, R. (2012). *Internacionalização das instituições de ensino superior em Portugal: proposta de metodologia para a construção de indicador do grau de internacionalização* (Doctoral dissertation).